

EDITORA 34

Editora 34 Ltda.

Rua Hungria, 592 Jardim Europa CEP 01455-000

São Paulo - SP Brasil Tel/Fax (11) 3816-6777 www.editora34.com.br

Copyright © Editora 34 Ltda., 1999

A dama do cachorrinho e outros contos © Boris Schnaiderman, 1999

A FOTOCÓPIA DE QUALQUER FOLHA DESTA LIVRO É ILEGAL E CONFIGURA UMA APROPRIAÇÃO INDEVIDA DOS DIREITOS INTELECTUAIS E PATRIMONIAIS DO AUTOR.

Edição conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica:

Bracher & Malta Produção Gráfica

Revisão:

Alexandre Barbosa de Souza

Cide Piquet

1ª Edição - 1999 (1 Reimpressão - 2001), 2ª Edição - 2005,

3ª Edição - 2006, 4ª Edição - 2011

Catálogo na Fonte do Departamento Nacional do Livro
(Fundação Biblioteca Nacional, RJ, Brasil)

Tchekhov, A. P., 1860-1904

T251d *A dama do cachorrinho e outros contos /*

A. P. Tchekhov; organização, tradução, posfácio
e notas de Boris Schnaiderman — São Paulo:

Ed. 34, 1999.

368 p. (Coleção LESTE)

ISBN 978-85-7326-144-8

I. Literatura russa. I. Schnaiderman, Boris.

II. Título. III. Série.

CDD - 891.73

QUERIDINHA

Ólenka,¹ filha do assessor-colegial reformado Pliemiânikov, estava sentada, pensativa, na entrada de seu pátio. Fazia calor, as moscas voavam irritantes em volta, e era bom pensar que não tardaria a noite. Nuvens escuras de chuva chegavam do Oriente, de onde vinha também uma aragem úmida.

No meio do pátio, estava Kúkin, dono e empresário do parque de diversões² Tivoli. Morava no mesmo prédio, no pavilhão, e, naquele momento, estava olhando para o céu.

— Novamente! — dizia, desesperado. — Vai chover novamente! Chove todos os dias, todos os dias, parece de propósito! É um desastre, uma catástrofe! Estou sofrendo diariamente um prejuízo enorme!

Erguendo os braços, prosseguiu, dirigindo-se para Ólenka:

— É assim a nossa vida, Olga Siemiônovna. Dá vontade de chorar! A gente trabalha, se esforça, sofre, passa noites em claro, tudo faz para conseguir o melhor resultado. E o que se vê? Por um lado, o público é ignorante, selvagem. Eu lhe proporciono a melhor opereta, um espetáculo feérico, cantores magníficos, mas é disso que ele precisa? Entende ele dessas coisas? Não, o público quer é chanchada! Por outro lado, olhe

¹ Diminutivo de Olga.

² Eram comuns na Rússia, no tempo de Tchekhov, parques que tinham, como atração principal, um teatro.

para esse tempo. Chove quase toda noite. Começou em 10 de maio e lá vão já todo maio e junho, um horror! O público não aparece, e eu tenho que pagar o aluguel do teatro, os artistas.

No dia seguinte, à noitinha, o céu estava outra vez toldado de nuvens, e Kúkin dizia, com um riso histérico:

— Então, que lhe parece? Quanto a mim, nem me importo mais! A chuva pode inundar todo o parque, a água pode me cobrir também! Que eu não encontre mais felicidade sobre a terra e nem no outro mundo! Que os artistas me processem! Que me condenem a trabalhos forçados, na Sibéria! Que me mandem, mesmo, para a forca! Ha-ha-ha!

No terceiro dia, foi a mesma história...

Ólenka ouvia Kúkin em silêncio, seriamente, e, às vezes, lágrimas toldavam-lhe os olhos. Por fim, as desventuras de Kúkin comoveram-na de vez e ela o amou. Kúkin era baixo, esquelético, de rosto amarelo, com o cabelo penteado sobre as têmporas, falava com voz fina de tenorino, entortando a boca. Seu rosto tinha sempre a mesma expressão de desespero, mas, apesar de tudo, despertou nela um sentimento verdadeiro, profundo. Ólenka estava sempre amando alguém e não podia viver sem isso. A princípio, amou o pai, que estava agora doente, passando os dias numa poltrona, num quarto escuro, e respirava com dificuldade; amou a tia, que vinha de Briansk, uma vez em dois anos; e, antes disso, quando estava estudando no ginásio, amara o professor de francês. Era uma mocinha quieta, de gênio bom, repassada de piedade, com um olhar doce, suave, e muito sadia. Olhando para as suas faces cheias, rosadas, para seu pescoço, branco, macio, com uma pinta escura, para o sorriso bom e ingênuo, que lhe aparecia no rosto quando ouvia algo agradável, os homens pensavam: “Realmente, não é má...”, e sorriam também. As senhoras que visitavam sua casa não conseguiam conter-se e, em meio à conversa, agarravam-lhe a mão e exclamavam, arrebatadas:

— Queridinha!

A casa em que morava desde que nasceu, e que fora re-

gistrada em seu nome no testamento paterno, ficava nos arredores da cidade, no Arrabalde dos Ciganos, perto do Jardim Tivoli. À tarde e à noite, ouvia a música tocar no parque e o espocar dos rojões, e tinha a impressão de que era Kúkin lutando com o destino e tomando de assalto seu maior inimigo: o público indiferente. Sentia oprimir-se docemente o coração, perdia de todo o sono e quando, de manhãzinha, ele voltava para casa, ela batia baixo na janela e sorria com ternura, mostrando-lhe, através da cortina, apenas o rosto e um dos ombros...

Kúkin pediu-lhe a mão e casaram-se. E quando ele viu de verdade aquele pescoço e aqueles ombros cheios, sadios, ergueu as mãos e exclamou:

— Queridinha!

Ele era feliz, mas, como a chuva não cessasse no dia das bodas e mesmo à noite, uma expressão de desespero não lhe deixava o semblante.

Depois do casamento, viveram bem. Ela trabalhava de caixa, cuidava de que tudo estivesse em ordem no parque, anotava as despesas, pagava os artistas e suas faces rosadas, seu sorriso doce, ingênuo, que lembrava a aurora, apareciam ora na janelinha da caixa, ora nos bastidores, ora no bar. E ela já dizia a seus conhecidos que a coisa mais admirável, mais importante e necessária no mundo era o teatro, e que somente no teatro se poderia receber um prazer verdadeiro, tornar-se instruído, humano.

— Mas, que entende disso o público? — dizia. — Ele quer chanchada! Ontem, demos *Fausto pelo avesso* e estavam vazios quase todos os camarotes. No entanto, se Vânitckha³ e eu tivéssemos montado alguma coisa trivial, acreditem, o teatro ficaria repleto. Amanhã, Vânitckha e eu vamos montar *Orfeu nos infernos*. Venham.

Repetia tudo o que Kúkin dizia do teatro e dos atores.

³ Diminutivo de Ivan.

A exemplo dele, desprezava o público, pela ignorância e pela indiferença em relação à arte. Intrometia-se nos ensaios, corrigia os atores, vigiava o comportamento dos músicos, e quando o jornal local referia-se desfavoravelmente ao espetáculo, chorava e ia depois à redação.

Os atores gostavam dela e apelidaram-na *Vânitchka e eu* e *Queridinha*. Compadecia-se deles e fazia-lhes pequenos empréstimos. Se acontecia alguém a enganar, chorava às escondidas, mas não se queixava ao marido.

No inverno, também viviam bem. Alugaram, por toda a estação, o teatro municipal e sublocavam-no, por prazos curtos, ora a algum conjunto ucraniano, ora a um prestidigitador, ora a amadores locais. Ólenka estava engordando e vivia radiante de prazer, enquanto Kúkin emagrecia e ficava amarelo, queixando-se sempre de perdas enormes, embora os negócios não andassem mal durante todo o inverno. Tossia de noite e ela dava-lhe xarope de framboesa e chá de flores de tília, friccionava-o com água-de-colônia, forrava-o com seus xales macios.

— Como você é bonzinho! — dizia ela com toda a sinceridade, alisando-lhe os cabelos. — Como você é bonitinho!

Na Quaresma, ele foi a Moscou para contratar artistas. Ela perdia o sono, passava as noites sentada à janela, olhando as estrelas. Comparava-se então às galinhas, que também ficam inquietas e passam as noites sem dormir, quando falta o galo no galinheiro. Kúkin demorou-se em Moscou e escreveu que voltaria na Semana Santa. Ao mesmo tempo, dava já algumas instruções sobre o Tivoli. Na noite de Segunda-Feira Santa, porém, ressoou um ruído sinistro; era alguém que batia no portão como num barril: “Bum! Bum! Bum!”. A cozinheira sonolenta correu a abrir o portão, chapinhando nas poças com os pés descalços.

— Abra, por favor! — dizia alguém, atrás do portão, com voz de baixo profundo. — É um telegrama!

Ólenka já havia recebido, anteriormente, telegramas do

marido, mas, dessa vez, sem saber por que, ficou estarecida. Abriu o envelope com mãos trêmulas e leu:

“Ivan Pietróvitch morreu hoje de repente adepois esperamos instruções entero terça-feira”.

O telegrama estava impresso assim mesmo, com aquele incompreensível *adepois*, assinava-o o diretor da companhia de operetas.

— Meu querido! — soluçou Ólenka. — Meu doce Vâ-nitchka! Para que fui encontrar-te na vida? Para que te encontrei e amei? Como pudeste deixar tua pobre Ólenka, tão pobre, tão infeliz?

Kúkin foi enterrado terça-feira, em Moscou, no bairro de Vagankov. Ólenka voltou para casa quarta-feira e, mal entrou no quarto, atirou-se na cama e emitiu soluços tão violentos, que se ouviam na rua e nos quintais vizinhos.

— Queridinha! — diziam as vizinhas, persignando-se. — Queridinha Olga Siemiônovna, mãezinha, como padece!

Três meses depois, Ólenka estava, certa vez, de regresso da missa, muito triste, trajando luto profundo. Aconteceu que, ao lado, caminhava um de seus vizinhos, Vassíli Andréievitch Pustovalov, gerente do depósito de madeiras do comerciante Babakáiev. Também voltava da igreja, estava de chapéu de palha e colete branco, com uma corrente de ouro, e mais parecia um proprietário rural que homem de comércio.

— Todas as coisas obedecem a uma ordem determinada, Olga Siemiônovna — dizia gravemente, uma nota de compaixão na voz — e, se algum dos nossos morre, é porque Deus quis assim. Mesmo nesse caso, devemos controlar-nos e suportar tudo.

Tendo acompanhado Ólenka até o portão, despediu-se e foi adiante. Depois, ela ficou ouvindo o dia todo sua voz grave e, mal fechava os olhos, parecia-lhe ver sua barba escura. Gostara muito dele. Ao que parece, ela também o impressionara, pois, algum tempo depois, apareceu para tomar café em sua casa uma senhora de idade, a quem mal conhecia, e que,

apenas se sentou à mesa, começou a falar de Pustovalov, de que ele era um homem bom, respeitável, e que qualquer mulher gostaria de se casar com ele. Três dias depois, apareceu o próprio Pustovalov. A visita foi de uns dez minutos apenas e ele pouco falou, mas Ólenka enamorou-se, a ponto de passar a noite em claro, abrasando-se como se estivesse com febre. De manhã, mandou chamar a senhora idosa. Tratou-se o casamento, que se realizou pouco depois.

Os recém-casados viveram felizes. Ele passava geralmente as manhãs no depósito de madeira. Depois, ia tratar de negócios, sendo substituído por Ólenka, que ficava no escritório até o anoitecer, anotando os livros e controlando a saída de mercadoria.

— Atualmente, a madeira encarece vinte por cento todos os anos — dizia ela aos fregueses e aos conhecidos. — Antes, nós vendíamos madeira de perto daqui, mas agora Vássitchka⁴ tem que viajar todos os anos, para comprar madeira na província de Moguilióv. E como subiram os fretes! — exclamava horrorizada, cobrindo as faces com as mãos. — Como subiram!

Parecia-lhe que há muitos anos já vendia madeira, que a madeira era a coisa mais necessária e importante na vida, e percebia algo terno, carinhoso, nas palavras: tora, viga, prancha, compensado, ripa, folheado, descascado... Sonhava com verdadeiras montanhas de vigas e pranchas e com filas infundáveis de carroças, que levavam a madeira para algum lugar distante, fora da cidade. Sonhava ainda com todo um regimento de tábuas, de um palmo por doze *archines*,⁵ que se lançava ao ataque contra o depósito de madeira, via as vigas, pranchas e postes chocarem-se, ressoando estrepitosamente, qual madeira seca. Toda aquela madeira caía e tornava a er-

⁴ Diminutivo de Vassíli.

⁵ *Archin*, medida de comprimento que corresponde a 0,71 m.

guer-se, empilhando-se os objetos uns sobre os outros. Ólenka gritava dormindo, e Pustovalov dizia-lhe, carinhoso:

— Ólenka, o que é que você tem, querida? Faça o sinal da cruz!

Tinha os mesmos pensamentos que o marido. Se ele pensava que fazia calor no quarto ou que os negócios iam mal, assim pensava ela também. O marido não gostava de divertimentos, passava os feriados em casa, e ela estava sempre a seu lado.

— Você está sempre em casa ou no escritório — diziam-lhe os conhecidos. — Deveria ir ao teatro, ao circo, queridinha.

— Vássitchka e eu não temos tempo de andar pelos teatros — respondia gravemente. — Somos do trabalho, não nos ocupamos de tolices. O que há de bom nesses teatros?

Aos sábados, assistiam às vésperas, aos feriados, às primeiras matinas, e, regressando da igreja, caminhavam muito perto um do outro, os rostos repassados de ternura. Estavam perfumados, e o vestido de seda emitia um fru-fru agradável. Em casa, tomavam chá com pão de leite e geleia, depois comiam bolo. Diariamente, ao meio-dia, sentia-se no pátio e na rua um cheiro gostoso de *borsch* e carneiro ou pato assado e, em dias de jejum, peixe. Passando-se perto do portão, cada qual sentia aguçar-se o apetite. No escritório, havia sempre um samovar fumegando e servia-se aos fregueses chá com rosquinhas. Uma vez por semana, os esposos iam aos banhos e voltavam bem perto um do outro, corados.

— Vivemos bem, graças a Deus — dizia Ólenka aos conhecidos. — Gostaria de que todos tivessem uma vida como esta minha com Vássitchka.

Quando Pustovalov viajava para comprar madeira na província de Moguilióv, ela sentia muita saudade e passava as noites sem dormir, chorando. Vinha visitá-la, às vezes, ao anoitecer, o veterinário-militar Smírnin, homem moço, a quem alugara um quarto no pavilhão da casa. Contava-lhe algum episódio ou jogava com ela baralho, e isto a distraía. Achava

interessante, sobretudo, ouvi-lo falar de sua vida. Era casado e tinha um filho, mas divorciara-se da mulher, que o traíra. Odiava-a e mandava-lhe, todos os meses, quarenta rublos, para o sustento do filho. Ouvindo-o, Ólenka suspirava e balançava a cabeça, tinha muita pena dele.

— Que Deus o proteja! — dizia, despedindo-se dele e acompanhando-o até a escada, com uma vela na mão. — Obrigada, porque veio cacetear-se comigo. Que Deus lhe dê saúde, Mãe do Céu...

Expressava-se sempre de modo grave, imitando o marido. O veterinário já estava embaixo, além da porta de saída, quando ela gritava, fazendo-o parar, e dizia-lhe:

— Sabe, Vladímir Platônitch, o senhor deveria fazer as pazes com sua mulher. Deveria perdoá-la, nem que fosse pelo filho!... Vai ver que o garotinho compreende tudo.

E ao regressar Pustovalov, ela falava-lhe a meia-voz sobre o veterinário e sua infelicidade conjugal. Ambos suspiravam, balançavam a cabeça e falavam sobre o menino, que, provavelmente, tinha saudades do pai. Em seguida, por uma estranha sequência de ideias, ambos se ajoelhavam ante as imagens sacras, faziam saudações até o chão e pediam a Deus que lhes desse filhos.

E assim decorreram seis anos de vida modesta e tranquila, repassada de amor e em plena concórdia. Mas, certo dia de inverno, Vassíli Andréitch, depois de ter tomado, no depósito, chá bem quente, saiu de cabeça descoberta para o pátio, apanhou um resfriado e ficou muito doente. Trataram-no os melhores médicos, mas ele morreu depois de quatro meses. E Ólenka ficou mais uma vez viúva.

— Por que me deixaste, querido? — soluçava, depois de enterrar o marido. — E como vou viver agora sem ti, infeliz que sou? Meus bons amigos, tenham pena desta pobre órfã...

Usava agora vestido negro, com crepes, e renunciou definitivamente ao chapeuzinho e às luvas. Quase não saía, a não ser para a igreja ou para o túmulo do marido, e vivia em

casa como uma freira. E somente após seis meses, tirou os crepes e passou a abrir as venezianas. Depois, os habitantes da cidade começaram a encontrá-la de manhã, indo ao mercado, para compras, com a cozinheira, mas se podia apenas formular suposições sobre a vida que levava. Faziam-se, por exemplo, conjeturas, baseadas em que ela já era vista, no jardiminho da casa, tomando chá com o veterinário, que lia em voz alta o jornal, bem como no fato de que, tendo encontrado no Correio uma senhora conhecida, ela dissera:

— Não temos, aqui na cidade, uma inspeção veterinária bem organizada, e isto dá origem a muitas doenças. Volta e meia, ouve-se falar de gente que adoeceu, tomando leite ou devido a contaminação direta por cavalos ou vacas. Na verdade, é preciso preocupar-se com a saúde dos animais domésticos do mesmo modo que a gente se preocupa com a saúde das pessoas.

Repetia os pensamentos do veterinário e tinha agora a opinião dele sobre todas as coisas. Era evidente que não podia passar um ano sequer sem se afeiçoar a alguém e que havia encontrado sua nova felicidade no pavilhão da própria casa. Outra seria condenada por isso, mas ninguém podia pensar algo de mal sobre Ólenka e tudo parecia perfeitamente natural em sua vida. Ela e o veterinário não falavam com ninguém sobre a mudança que se processara em suas vidas, mas não conseguiam ocultá-la, porque Ólenka não podia ter segredos. Quando iam visitá-lo colegas de regimento, ela, servindo o chá ou o jantar, começava a falar sobre a peste bovina, a equinococose, os matadouros municipais, enquanto ele ficava muito encabulado e, depois que as visitas saíam, agarrava-lhe a mão e sibilava zangado:

— Eu já pedi a você que não falasse daquilo que não entende! Quando nós, veterinários, estamos conversando em particular, faça o favor de não se intrometer. Realmente, isto é cacete!

Ela o olhava com surpresa, alarmada, e perguntava:

— De que vou falar então, Volóditchka?!⁶

Abraçava-o, os olhos marejados, pedia-lhe que não se enfurecesse, e ambos eram felizes.

No entanto, não durou muito aquela felicidade. O veterinário partiu para sempre, acompanhando o regimento, que fora transferido para uma localidade muito distante, quase na Sibéria. E Ólenka ficou sozinha.

Estava, agora, completamente só. Fazia tempo que o pai tinha morrido e que sua poltrona ficara largada no sótão, empoeirada, com um pé quebrado. Ólenka tornara-se mais magra e mais feia e os transeuntes não a olhavam mais, como outrora, nem lhe sorriam. Evidentemente, haviam passado os melhores anos, e agora começava uma vida nova, desconhecida, na qual era melhor nem pensar. À noitinha, Ólenka ficava sentada no patamar da escada e ouvia música no Tivoli, acompanhada de um espocar de rojões, mas isto não lhe despertava, agora, quaisquer pensamentos. Olhava com indiferença para o pátio vazio de sua casa, não pensava em nada, não desejava nada, e depois, quando chegava a noite, ia dormir e via em sonho o pátio vazio. Comia e bebia, como se fosse contra a vontade.

O pior, o mais grave, no entanto, era que não tinha mais opiniões. Ela via em torno de si objetos e compreendia tudo o que estava sucedendo, mas não podia formar uma opinião sobre coisa alguma e não sabia do que falar. E como é terrível não ter opinião! Uma pessoa vê, por exemplo, uma garrafa, a chuva ou um mujique em sua telega, mas não consegue dizer para que existem aquela garrafa, a chuva ou o mujique, qual o sentido de sua existência, e não seria capaz de dizer algo, ainda que fosse em troca de mil rublos. Quando vivia com Kúkin, com Pustovalov e, depois, com o veterinário, Ólenka poderia explicar tudo e dar sua opinião sobre qualquer assunto, mas agora, tanto em seu coração como em seus pen-

⁶ Diminutivo de Vladímir.

samentos, existia o mesmo vazio que no pátio da casa. Sentia-se apavorada e com um amargor, como se tivesse comido muita losna.

A cidade ampliou-se pouco a pouco, em todas as direções. O Arrabalde dos Ciganos recebera já um nome de rua e, no lugar onde haviam existido o jardim Tivoli e os depósitos de madeira, já surgiram casas e uma série de becos. Como passa depressa o tempo! A casa de Ólenka escureceu, o telhado enferrujou, o celeiro entortou e todo o pátio cobriu-se de urtiga e mato em geral. A própria Ólenka envelheceu, ficou feia. No verão, punha a cadeira na entrada e, como antes, sentia um vazio, monotonia no coração, um gosto de losna. No inverno, ficava sentada à janela, olhando a neve. Às vezes, quando sentia a brisa da primavera, ou quando ouvia o repicar dos sinos da catedral, assoberbavam-na de repente lembranças de seu passado, sentia o coração docemente oprimido, e lágrimas abundantes jorravam-lhe, mas tudo isto durava um instante apenas, depois vinha de novo uma sensação de vazio, não sabia mais para que vivia. A gatinha preta Briska esfregava-se em seus joelhos e ronronava suavemente, mas Ólenka não se comovia com aqueles carinhos felinos. Era disso que precisava? Precisava de um amor que tomasse conta de todo o seu ser, alma e entendimento, que lhe infundisse ideias, desse um sentido a sua vida, aquecesse o seu sangue, que envelhecia. Enxotava do colo a negra Briska e dizia-lhe com amargor:

— Anda, anda... Não tem nada que fazer aqui!

E assim passavam os dias e os anos, sem uma alegria, sem uma opinião sobre qualquer assunto. Bastava-lhe, por exemplo, o que dizia a cozinheira Mavra.

Num dia quente de julho, à tardinha, quando passava pela rua o rebanho municipal e o pátio estava completamente coberto de nuvens de poeira, alguém bateu de repente no portão. Ólenka foi abrir e, apenas olhou para fora, ficou estupefata: atrás do portão, estava o veterinário Smírnin, já

grisalho e em trajés civis. Ela se lembrou de tudo no mesmo instante, não pôde se conter, chorou e colocou-lhe a cabeça no peito, sem uma palavra. Transtornada como estava, nem percebeu como ambos entraram em casa e sentaram-se para tomar chá.

— Queridinho meu! — murmurava ela, tremendo de alegria. — Vladímír Platônitch! De onde Deus te trouxe?

— Quero instalar-me de vez nesta cidade — contou ele. — Dei baixa e vim tentar a sorte, em liberdade, levar uma vida sedentária. E também já é tempo de mandar o filho para um ginásio. Está crescido. Sabe? Fiz as pazes com minha mulher.

— E onde ela está? — perguntou Ólenka.

— Ficou no hotel, com o filho, e eu estou procurando casa para morar.

— Meu Deus, fique com a minha casa! Não é uma residência? Ah, Senhor! Não lhe vou cobrar nada — disse Ólenka transtornada e chorou novamente. — More aqui. Quanto a mim, basta-me o pavilhão. Será uma alegria, meu Deus!

No dia seguinte, tiveram início a pintura do telhado e a caiação das paredes, enquanto Ólenka andava pelo pátio, a mão no quadril, e dava ordens. Brilhava em seu rosto o sorriso de outrora, toda ela revivera, tornara a viçar, como se houvesse despertado de um sono prolongado. Chegou a mulher do veterinário, senhora magra e feia, de cabelos curtos e rosto de expressão birrenta, acompanhada do filho, Sacha,⁷ muito pequeno para dez anos, rechonchudo, de claros olhos azuis e covinhas nas faces. O menino, mal entrou no pátio, pôs-se a correr atrás da gata, e logo se ouviu seu riso prazenteiro.

— É sua essa gata, titia? — perguntou a Ólenka. — Quando ela der cria, quer nos dar um gatinho? Mamãe tem muito medo de ratos.

Ólenka conversou com ele, serviu-lhe chá e sentiu de repente algo tépido e um doce aperto no coração, como se

⁷ Diminutivo de Aleksandr.

aquele menino fosse seu próprio filho. E à noitinha, quando ele preparava as lições, na sala de jantar, ela o olhava comovida, com pena dele, e murmurava:

— Queridinho meu, lindinho... Filhinho meu, como foste nascer assim inteligente, assim branquinho?

— Chama-se ilha — leu ele — uma extensão de terra cercada de água por todos os lados.

— Chama-se ilha uma extensão de terra... — repetiu ela, e era aquela sua primeira opinião, que expressava convicta, depois de tantos anos de silêncio e vacuidade mental.

Tinha já opiniões e, durante a ceia, conversava com os pais de Sacha, comentando que o ensino nos ginásios se tornara muito difícil, mas que, apesar de tudo, o *ensino clássico* era melhor que o *real*, pois, concluído o ginásio, ficava aberto o caminho para qualquer curso superior.

Sacha começou a frequentar o ginásio. A mãe foi a Khar'kov, visitar uma irmã e não regressava. O pai viajava diariamente, para inspecionar rebanhos, e acontecia passar fora de casa até três dias. Ólenka teve a impressão de que os pais haviam abandonado Sacha por completo e que ele estava morrendo de fome. Transferiu-o, pois, para o seu pavilhão e instalou-o num quatinho.

Faz seis meses que Sacha mora com ela no pavilhão. Todas as manhãs, Ólenka entra no quarto dele. O menino dorme profundamente, apoiando uma face com a mão, parece não respirar. Ela tem pena de acordá-lo.

— Sáchenka⁸ — diz com tristeza. — Levante-se, querido! Está na hora.

Ele se levanta, veste-se, reza a Deus e senta-se para tomar chá. Toma três copos e come duas grandes roscas e metade de um pão francês, com manteiga. Ainda não acordou completamente e, por isso, não está bem-disposto.

— Você, Sáchenka, não estudou bem a fábula — diz Ólen-

⁸ Outro diminutivo de Aleksandr.

ka. olhando-o, como se tivesse de separar-se dele por muito tempo. — Você me dá muita preocupação. Faça força, querido. estude bem... Obedeça aos professores.

— Ah, deixe-me em paz, por favor! — diz Sacha.

Depois, ele sai em direção do ginásio, tão pequenino, mas com um boné grande e um bernal às costas. Ólenka segue-o pisando sem ruído.

— Sáchenka-a! — chama-o de repente.

Ele volta a cabeça e ela enfia-lhe na mão uma tâmara ou um caramelo. Quando entram no beco do colégio, o menino fica encabulado de estar sendo seguido por aquela mulher alta, corpulenta. Olha para trás e diz:

— Volte para casa, titia; agora, irei sozinho.

Ela para e segue-o com os olhos, sem pestanejar, vendo-o desaparecer na entrada do ginásio. Oh, como ela o ama! De seus afetos do passado, nenhum fora tão profundo, jamais seu coração entregara-se com tanto altruísmo, tão desinteressada e prazerosamente, como agora, quando se abrasava, cada vez mais intensamente, com o sentimento maternal. Seria capaz de sacrificar a vida por aquele menino, que lhe era estranho, pelas covinhas de suas faces, por aquele boné, e ainda o faria com alegria, com lágrimas comovidas. Por quê? Quem sabe por quê?

Tendo acompanhado Sacha à escola, volta docemente para casa, tão contente, tranquila, ressumando amor. Seu rosto, que se tornou mais jovem naqueles seis meses, está sorridente, parece iluminado. Os transeuntes, olhando para ela, sentem bem-estar e dizem-lhe:

— Bom dia, querida Olga Siemiônovna! Como vai, querida?

— Como são difíceis agora os estudos no ginásio — conta ela na feira. — Não é brincadeira. Ontem, no primeiro ano, mandaram, como lição de casa, decorar uma fábula, fazer uma tradução do latim e resolver um problema... Para um menino tão pequeno...

E ela começa a falar de professores, lições, livros didáticos, repetindo tudo o que Sacha lhe conta.

Almoçam juntos depois das duas. De noite, preparam juntos as lições e choram. Deitando-o para dormir, faz sobre ele, demoradamente, o sinal da cruz e murmura uma oração. Depois, deitando-se, sonha com o futuro distante e enevoadado, em que Sacha, tendo terminado os estudos, será médico ou engenheiro, terá sua própria casa, grande, cavalos, carruagem, vai casar-se e criará filhos... Adormece pensando sempre naquilo, e as lágrimas escorrem-lhe dos olhos cerrados, pelas faces. A gatinha preta está deitada a seu lado e ronrona:

— Mur... mur... mur...

De repente, batidas fortes no portão. Ólenka acorda e o medo lhe tolhe a respiração. Seu coração batuca forte. Passa meio minuto e batem de novo.

“É um telegrama de Kharkov”, pensa, começando a tremer com todo o corpo. “A mãe chama Sacha para junto de si, em Kharkov... Meu Deus!”

Está desesperada. Sente um frio na cabeça, nos pés, nas mãos, e tem a impressão de ser a pessoa mais infeliz do mundo. Mas, passa mais um minuto, ouvem-se vozes: é o veterinário, que está voltando do clube.

“Bem, graças a Deus”, pensa ela.

O peso abandona-lhe, pouco a pouco, o coração. Deita-se e pensa em Sacha, que está dormindo profundamente no quarto ao lado e, de quando em vez, diz sonhando:

— Eu te quebro a cara! Vai embora! Não brigue comigo!

(1898)